

## APRESENTAÇÃO

Amor, ódio e ignorância: três paixões do ser falante. Real, simbólico e imaginário: três registros da estrutura que se enlaçam e são perfurados por uma fenda. Falta e furo: duas modalidades de comparecimento dessa fenda original no simbólico (linguagem e Lei) e no imaginário (regime da representação imagética do corpo e campo do sentido). O real, isso que retorna sempre ao mesmo lugar como impossível, reaparece no simbólico como falta e no imaginário como furo, determinando o destino do homem em busca da verdade.

Do nascimento à morte: uma viagem pelo mundo sem data marcada, uma passagem circunscrita pelo indizível, porque não há palavras para dizer tudo. No interstício entre o ser e o nada nasce o desejo. Ser e desejo, assim constituídos, só podem ser concebidos por uma privação: falta-a-ser e falta do objeto do desejo. O ser humano inventou o amor, o mito e as religiões para pensar o mundo e sua inserção nele, em uma tentativa de suturar a falha que faz parte de sua estrutura.

No princípio era o Caos, diz Hesíodo em *Teogonia*. Depois, vieram Gaia (Terra), Tártaro (Abismo) e Eros (Amor). Este era sem dúvida "o mais belo entre os deuses imortais, o persuasivo que, no coração de todos os deuses e homens, transtorna o juízo e o prudente pensamento" (Hesíodo IX d.C: 29).

No princípio a terra era sem forma e vazia e só havia trevas sob a face do abismo, diz o Velho Testamento no "Primeiro livro de Moisés chamado Gênesis". Depois, Deus criou o céu, a terra, a luz, a separação entre a luz e as trevas, um lugar para o ajuntamento das águas que chamou mares, fazendo com que surgisse a porção seca que chamou terra. E, no sexto dia, criou o homem à sua imagem e semelhança. Da criação à lei: "Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Esse é o máximo e o primeiro mandamento. E o segundo semelhante a esse é: amarás o teu próximo, como a ti mesmo" (Matheus, 22, 34).

De Hesíodo aos apóstolos (São Matheus, São Marcos, São Lucas, São João, São Paulo), o nada precede a criação do mundo e do amor. O amor personificado em Eros inflama os deuses e os homens, lançando-os à efervescência das paixões, retirando-lhes a temperança e subjugando-os à ignorância da razão. O amor cristão se sustenta nas virtudes teológicas (fé, esperança e caridade), exigindo o perdão, a humildade e a fidelidade.

Entre um (amor personificado) e outro (amor cristão), uma infinidade de amores. Assim, operei um corte para falar do amor, cuja estrutura se caracteriza pela predominância do imaginário sobre o simbólico. Trata-se, portanto, de uma versão que se sustenta na ficção do Um, alimentada pela esperança de *completude* e que recebeu o nome de *felicidade*. Essa modalidade de amor tem um nome: paixão.

Não foram os trovadores nem os românticos que inventaram o amor como sentimento da paixão. Há muitos e muitos séculos, Aristófanês, um dos interlocutores de *O banquete* de Platão, recorre ao mito para definir o amor como procura do todo, em que amante e amado não desejam outra coisa senão se confundirem em um só ser.

Uma nova face desse amor é descoberta por Freud em sua experiência clínica. Trata-se do amor de transferência, que se caracteriza pela entrega ardente e apaixonada do analisando ao analista. Jacques Lacan cria o conceito de sujeito suposto saber para levar adiante as reflexões freudianas sobre o amor de transferência. Desse estranho e impetuoso amor, temos os efeitos que Sócrates provocou em seus discípulos.

Do engrandecimento à degradação, sem sair do regime do excesso, reino da paixão, o ódio caminha lado a lado com o amor. Na dialética do apaixonado, querer ou não querer se tornam sinônimos de posse ou destruição. Trata-se, portanto, de um amor que põe em cena a negação da falta que constitui a estrutura humana. Isso tem um nome: castração. É exatamente isso que o amor-paixão e o amor de transferência querem obliterar.

Dois livros foram escolhidos para falar dessa vertente do amor: *O mestre*, de Ana Hatherly, e *O banquete*, de Platão. *O mestre*, sem dúvida, é uma dupla exceção: primeiro porque é até agora o único romance de Ana Hatherly; segundo porque se inscreve de forma original na histó-

ria do amor na literatura em língua portuguesa. Quanto a *O banquete*, eu me deterei nos discursos de Aristófanes e de Alcibiades porque neles o amor se apresenta como a linha que suturaria o rasgo que percorre a natureza humana.

Castigo de Zeus, pecado original ou real são as respostas dadas, respectivamente, pelo mito, pelo cristianismo e pela psicanálise para essa falha estrutural que não cessa de comparecer e deu origem ao amor em suas múltiplas faces. Uma delas são as três paixões do ser que caracterizam a estrutura de um amor – associado ou não ao saber, como é o caso do amor de transferência – que se articula com a verdade, não para revelar a impossibilidade de descobrir toda a verdade, mas sim para situar o homem na ignorância apaixonante de seu desejo, insistindo no que não há porque não quer saber do que há.

*Tisanas*, escrito por Ana Hatherly, são fragmentos de prosa poética que não têm como tema o amor, porém reencontramos em alguns desses fragmentos a incorporação de crenças que sustentaram, durante muitos e muitos séculos, o discurso do mito do amor.

Amor-paixão e amor de transferência nascem do sonho de decifrar os enigmas da vida, da morte e do sexual, engendrando a promessa de felicidade na Terra ou vida eterna, quer no Hades, quer no Céu. A ficção, anunciada no epílogo dos romances, “casaram e foram felizes para sempre” será, linha por linha, desconstruída em alguns fragmentos de *Tisanas*.

Enfim, tanto em *O mestre* quanto em *Tisanas*, os desfechos trágicos da ignorância, no amor de transferência e no amor-paixão, revelam a antítese que sustenta uma estrutura, em que o amor contracena com a frustração, desencadeando um ódio com valor mortal para o sujeito.